



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PROFESSOR BARROS ARAÚJO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS / PORTUGUÊS

A ABORDAGEM DA HOMOAFETIVIDADE NAS OBRAS **AMOR
INVERTIDO E INVERTIDO NO AMOR**, DE MAXIMILIANO SOUZA.

PATRICK ÁLISSON DE SOUSA

PICOS - PI

2017

PATRICK ÁLISSON DE SOUSA

A ABORDAGEM DA HOMOAFETIVIDADE NAS OBRAS **AMOR INVERTIDO E
INVERTIDO NO AMOR**, DE MAXIMILIANO SOUZA

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Letras/Português, Campus Professor Barros Araújo – Picos (PI), da Universidade Estadual do Piauí – UESPI, como requisito parcial para obtenção da graduação em Letras/Português.

Orientador (a): Professora Ma. Mônica Maria Feitosa Braga Gentil.

PICOS – PI

2017

PATRICK ÁLISSON DE SOUSA

A ABORDAGEM DA HOMOAFETIVIDADE NAS OBRAS **AMOR
INVERTIDO E INVERTIDO NO AMOR**, DE MAXIMILIANO SOUZA

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Letras/Português da Universidade Estadual do Piauí – Campus Professor Barros Araújo (Picos/PI), como requisito parcial para obtenção da graduação em Letras/Português. Orientador (a): Professora Ma. Mônica Maria Feitosa Braga Gentil.

PATRICK ÁLISSON DE SOUSA

MONOGRAFIA APRESENTADA EM: ___ / ___ / ___

Profa. Ma. Mônica Maria Feitosa Braga Gentil – UESPI
ORIENTADORA

Profa. Marli Maria Veloso – Especialista – UESPI
1ª EXAMINADOR (A)

Profa. Maria do Remédio de Lima Araújo Luz – Especialista – UESPI
2ª EXAMINADOR (A)

Dedico este trabalho a todos aqueles que acreditam na minha capacidade intelectual, à comunidade LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais), que sente na pele, diariamente, o peso do preconceito e da discriminação.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço imensamente a Deus, por dar-me saúde, determinação e persistência nos meus objetivos, fazendo com que eu nunca desista dos meus sonhos.

Agradeço a minha estimada orientadora, professora Mônica Gentil, por ter sido sempre tão solícita; às professoras da minha banca, Remédio Lima e Marli Veloso, pelo total apoio e incentivo na escolha do tema e considerarem a discussão de suma importância na Academia; aos meus amigos, colegas e familiares, por estarem ao meu lado nesse mundo tão obscuro e fazer dele um lugar melhor para se viver. Obrigado!

“Minha homoafetividade? Nasci com ela. E aprendi com a sensibilidade entre pétalas e espinhos a respeitar o próximo, confiante em dias melhores; atento e participando da sociedade, verbalizando através da literatura o direito do ser humano ser feliz, agindo com dignidade nas ações coletivas e individuais a cada amanhecer”. (Marcos Antônio Soares, escritor e bibliotecário da UFPE).

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo a abordagem da homoafetividade nas obras **Amor Invertido** e **Invertido no Amor**, de Maximiliano Souza, analisando suas narrativas por óticas diferentes dos personagens principais, expondo as emoções, os pensamentos e outros núcleos da história na visão de cada um dos personagens protagonistas, ressaltando a questão da homoafetividade através de uma metodologia bibliográfica e qualitativa a literatura de gênero. Ainda tem-se como desafio, analisar a influência do autor supracitado em diversos outros gêneros textuais, como anime, séries e filmes, que o inspirou, especificamente, em um anime homoerótico chamado Junjou Romântica, para criar uma história romântica que acompanhasse o envolvimento emocional de dois homens em um ambiente tupiniquim e trazer à luz do debate a questão da autoaceitação perante novas descobertas, até então desconhecidas, de uma pessoa criada em uma família altamente conservadora e tradicional, do interior, e que, de repente, se vê apaixonado e envolvido por outro homem. Foi utilizado, em cada capítulo, (Arnaut) 2002, (Dias) 2013 e (Souza) 2012 - 2014. As considerações comprovadas sobre essas obras revelam que há uma nova demanda de mercado e leitores interessados nessas discussões do mundo moderno.

Palavras-chaves: Literatura de gênero, Homoafetividade, Autoaceitação.

ABSTRACT

The present work has the objective of approaching homoaffectivity in Maximiliano Souza's **Love Inverted** and **Inverted in Love**, analyzing his narratives through different perspectives of the main characters, exposing the emotions, thoughts and other nuclei of history in the vision of each one of them Characters protagonists, highlighting the question of homoafetividade through a bibliographical and qualitative methodology to the literature of gender.

It is still a challenge to analyze the influence of the above-mentioned author in several other textual genres, such as anime, series and films, which specifically inspired him in a homoerotic anime called Junjou Romantic, to create a romantic story that accompanies emotional involvement Of two men in a Tupinikim environment and bring to the light of the debate the question of self-acceptance in the face of new discoveries, hitherto unknown, of a person raised in a highly conservative and traditional family from the interior and who suddenly finds himself in love and Involved by another man. . It was used in each chapter (Arnaut) 2002, (Dias) 2013 and (Souza) 2012 - 2014. The proven considerations about these works reveal that there is a new market demand and readers interested in these discussions of the modern world.

Keywords: Gender literature, Homoafetividade, Self-acceptance.

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I - CONTEXTUALIZAÇÃO DO ROMANCE PÓS-MODERNO	12
1.1 Homoafetividade na Literatura	12
1.2 Discussões sobre Gênero e Sexualidade	17
CAPÍTULO II - MAXIMILIANO SOUZA E O PANORAMA DE AUTORES E OBRAS DE CUNHO HOMOAFETIVO NA LITERATURA BRASILEIRA	21
2.1 Panorama de autores e obras de cunho homoafetivo na literatura brasileira	22
2.2 Fortuna Crítica de Maximiliano Souza	23
CAPÍTULO III - ANÁLISE DO CORPUS LITERÁRIO.	28
3.1 Amor Invertido	28
3.2 Invertido no Amor	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	35
GLOSSÁRIO	37
ANEXO	

INTRODUÇÃO

*E eu não posso mudar. Mesmo se tentasse.
Mesmo se quisesse. E eu não posso mudar.
Mesmo se tentasse. Mesmo se quisesse. Meu
amor. Ela me mantém quente. O amor é paciente.
O amor é bom. Amar é Bom Macklemore & Ryan
Lewis*

O presente trabalho tem como tema A abordagem da homoafetividade nas obras **Amor Invertido** e **Invertido no Amor**, de Maximiliano Souza, tendo em vista este ser de suma importância no que concerne a diversidade na literatura brasileira e analisar tais obras a partir das vivências dos personagens protagonistas e outros núcleos da história. Essa escolha se deu devido haver necessidade em estudos mais aprofundados no tema em questão e levá-la para a Academia, para que haja reflexão, discussão e visibilidade nas obras e autores citados.

A metodologia utilizada nesse trabalho foi pesquisa bibliográfica, realizado análise em diversos livros, revistas e artigos na internet e pesquisa qualitativa, realizado entrevista com o autor Maximiliano Souza de forma on-line e anexado para legitimá-lo.

Esse gênero literário, apesar das discussões serem recentes, estão presentes na literatura brasileira desde o século XIX, no entanto, o atual momento é o mais propício para trazê-lo à luz dos debates, tendo em vista grande preconceito e homofobia no nosso país e, através desse processo investigativo, propor novos estudos em outras obras e autores, sobre a temática da literatura de gênero.

Vale salientar que não é nada fácil analisar a biografia de um autor que teve somente duas publicações, no caso, as obras **Amor Invertido** (2012) e **Invertido no Amor** (2014), e que esse fato ocasionou grande dificuldade para encontrar material para pesquisa. O trabalho está dividido em três capítulos, sendo o primeiro, explicitando o Pós-Modernismo, homoafetividade na literatura brasileira e as discussões em torno de gênero e sexualidade. No segundo capítulo, foi apresentado o autor Maximiliano e sua fortuna crítica e no terceiro capítulo, foram analisadas as obras supracitadas. Espera-se que Maximiliano Souza e outros autores citados nesse trabalho publiquem outras obras na mesma temática, contribuindo para a solidificação da literatura de gênero no Brasil e, através dessa literatura, com a mensagem repassada por ela, possa-se alcançar uma cultura de paz, harmonia, união e respeito dentro da nossa conturbada sociedade machista, patriarcalista e homofóbica.

CAPÍTULO I

CONTEXTUALIZAÇÃO DO ROMANCE PÓS-MODERNO

Se casos há em que as novas coordenadas estéticas, ideológicas e técnico-compositivas se traduzem num movimento de dentro para fora, isto é, emergem no âmbito de uma prática literária efetiva, no seio de um grupo de escritores

manifestamente empenhados em seguir o que propõem, a verdade é que tal parece não acontecer no actual cenário literário. (ARNAUT, 2002, p. 78)

No presente capítulo, introduzimos o Pós-Modernismo como um momento histórico na literatura mundial, em que o movimento anterior, o Modernismo, anunciava decadência e o surgimento de um novo. Algumas características desse novo formato do romance pós-moderno se evidencia na ruptura, na quebra de linearidade/continuidade. Diante de novos temas abordados nessa era, o romance pós-moderno ficou conhecido como “revolução futurista”, comprovado na afirmação de Arnaut:

O movimento que denomina por literatura futurista desloca-se da periferia para o centro da cena literária norte-americana, deixando de proceder ao registro de modelos não existentes, os mitos antigos que exploravam o impossível, mas, pelo contrário, confrontando e desmontando os mitos coevos, tendo em vista uma antecipação ou profetização de um futuro possível. (ARNAUT, 2002, p.35)

Pode-se, então, perceber a partir da citação acima que a literatura pós-moderna consiste em retratar fatos que até então eram vistos como tabus na sociedade e que foi necessário haver essa fenda para que fosse dado espaço para discussões antes proibidas, como veremos no tópico a seguir.

1.1 Homoafetividade na Literatura

Foi a partir da década de 20 que se iniciou um novo movimento literário na Europa e, mais tardiamente, expandindo-se para o Brasil. Esse movimento ficou conhecido como Romance Pós-Moderno ou Contemporâneo, tendo suas origens ligadas às influências religiosas, como afirma Ana Paula Arnaut:

Os anos vinte eram, pois, o tempo para uma nova escola de aspirações religiosas, uma escola em sintonia não com o cientificismo ainda preconceituoso da geração antecedente, mas em consonância com as convicções dos cientistas do hoje a que se reporta este acto de escrita. (Idem, Ibidem, p. 30).

Essa afirmação só evidencia que a literatura, por séculos, foi vista como o meio dos conservadores tradicionalistas propagarem seus ideais e porem à margem quem discordasse do pensamento deles.

Com o tempo, essa literatura ideológica ganhou força e adeptos e encaixou-se seu público alvo como uma forma de romper com esse sistema opressor e conservador supracitado. Adail Júnior (2010) defende que o discurso literário tornou-se, por assim dizer, um “local discursivo” em que leitores *gays* encontravam experiências de vida parecidas com as suas, registradas, explicitamente, na trama de personagens *gays*.

Mediante essas intervenções, a literatura contemporânea sofre evoluções constantes, não só no âmbito de apresentação, mas também no conteúdo. Percebe-se que novos gêneros literários são discutidos, a partir da necessidade das sociedades modernas de trazer à tona essas reflexões e a mesma se faz de suma importância no que concerne à diversidade na literatura brasileira.

Segundo Utzig e Ferreira (2014):

A literatura *gay* não deve ser direcionada apenas ao público de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (LGBTTT¹), mas ao público leitor em geral, e deve ser vista como parte de um movimento de emancipação, conseguindo assim fazer com que a arte se alie, direta ou indiretamente, intencional ou não, à defesa de direitos iguais, a ponto de alcançar uma conscientização de cunho político-social, com vistas a minimizar o preconceito. (UTZIG e FERREIRA, 2014, p. 03).

Vale salientar que existe, dentro da literatura de gênero, uma diferença grandiosa no que se refere à literatura *gay* e literatura homoerótica. A primeira está relacionada à ruptura dos padrões heteronormativos, impostos socialmente no decorrer da história. É uma literatura que tende a compreender as vivências humanas e coloca sempre os personagens como pessoas que sofrem pela sua orientação sexual e identidade de gênero.

Para Utzig e Ferreira (2014, p.3), não há um gênero textual específico que defina a literatura *gay* por completo, pois ela pode se apresentar sob a

¹ A partir deste momento, a expressão Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros serão referenciadas pela sigla LGBTTT.

forma de poemas ou até contos infantis, como se pode observar no texto de Caio Fernando Abreu:

Eu não queria que fosse isso: éramos diferentes, éramos melhores, éramos superiores, éramos escolhidos, éramos mais, éramos vagamente sagrados, mas no final das contas os bicos dos meus peitos não endureceram e o teu pau não levantou. (ABREU, 1995, p.18)

Esses dois teóricos citados anteriormente acreditam que a temática *gay* deve ser vista não como um crime, uma ameaça ou uma anomalia, mas como algo inerente ao ser humano, merecedora de respeito por parte não somente da comunidade LGBTTTT como da sociedade, independente de sua manifestação enquanto sujeito com definida identidade sexual.

Ao somar com a defesa dos autores acima, em relação à literatura *gay* como arte peculiar independentemente da orientação sexual dos indivíduos, Joviano (2009, p. 8) acredita que “a literatura *gay* não difere em temáticas, estilos, ou gêneros da literatura tradicional, a não ser por narrar sobre situações que envolvem pessoas do mesmo sexo”.

De acordo com Barcellos (2006), a literatura homoerótica é:

(...) um conceito abrangente que procura dar conta das diferentes formas de relacionamento erótico entre homens (ou mulheres, claro), independentemente das configurações histórico-culturais que assumem e das percepções pessoais e sociais que geram, bem como da presença ou ausência de elementos genitais, emocionais ou identitários específicos. Trata-se, pois, de um conceito capaz de abarcar tanto a pederastia grega quanto às identidades gays contemporâneas, ou ainda tanto relações fortemente sublimadas quanto àquelas baseadas na conjugalidade ou na prostituição, por exemplo. (BARCELLOS, 2006 p. 20.)

Com isso, ao reportarmos a tempos mais remotos, no século XIX, a questão da homoafetividade já havia sido proposta em obras literárias. Adolfo Caminha, autor Naturalista, é considerado o pioneiro desse tema, no Brasil. Com a obra **O Bom-Crioulo** (1995), Caminha conseguiu romper paradigmas na literatura, que abordava outros temas, como a exaltação do patriotismo, a figura do índio e conflitos sociais, sendo esta considerada a obra literária nacional mais antiga sobre o tema, conforme comprovada na citação abaixo:

Sua amizade ao grumete nascera, de resto, como nascem todas as grandes afeições, inesperadamente, sem precedentes de espécie alguma, no momento fatal em que seus olhos se fitaram pela primeira vez. Esse movimento indefinível que acomete ao mesmo tempo duas naturezas de sexo contrários, determinando o desejo fisiológico da posse mútua, essa atração animal que faz o homem escravo da mulher e que em todas as espécies impulsiona o macho para a fêmea, sentiu-a Bom-Crioulo irresistivelmente ao cruzar a vista pela primeira vez com o grumetezinho. Nunca experimentara semelhante coisa, nunca homem algum ou mulher produzira-lhe tão esquisita impressão, desde que se conhecia! Entretanto, o certo é que o pequeno, uma criança de quinze anos, abalara toda a sua alma, dominando-a, escravizando-a logo, naquele mesmo instante, como a força magnética de um imã. (CAMINHA, 1995, p. 20).

No romance **O Ateneu**, de Raul Pompéia, o internato é um espaço de educação formal e moral, do qual “as amizades particulares entre meninos não devem cruzar o horizonte da sexualidade com riscos de sua ruptura, como acontece na relação de Sérgio e Egberto” (LOPES, 2002, p. 129). E assim o fio tecido de uma identidade homoafetiva na literatura se inaugura nestas obras e, segundo Lopes (2002), num hiato de um século a temática da homotextualidade se esvanece com o Modernismo e vai ressurgir em meados do século XX “quando as energias utópicas que agitaram os anos 60 e parte dos 70, um horizonte pós-moderno constituído e interpretado por desejos e identidades homoeróticas emerge” (LOPES, 2002, p.140). Assim, surgem nomes que vão ser mencionados e analisados por sua importância na contemporaneidade, como João Gilberto Noll e Silvano Santiago.

Então o espaço aberto para os discursos entre particularismos, nacionalismos e uma resposta à indagação de Santiago surge do entre-lugar. Desta discussão do nacional, do cidadão isolado do processo democrático advém o atrito com o histórico; é uma negociação de seu subjetivismo. A personagem título do romance **Stella Manhattan**, de Silvano Santiago, é sonhadora e está envolvida com perspectiva redentora de uma América do Norte, que oferece liberdade financeira.

A protagonista se vê entre os conflitos de sua performance alternadas num escritório de uma representação diplomática e os ventos de um Rio de Janeiro de que é saudosos. Este entre-lugar é também um entre-tempo de memórias e angústias. A literatura produzida por Santiago transita entre estas instâncias: o normativismo heterocêntrico e periférico-terceiro-mundista.

No contexto atual, vários outros autores nacionais publicaram obras nessa temática, como Helder Caldeira, Marcos Soares, Nelson Luiz de Carvalho, N. Ramiro, Cleyton Corrêa, o próprio Maximiliano Souza. Para esses autores, abordar tal tema de extrema complexidade, não é apenas uma questão mercadológica, mas uma ferramenta de visibilidade e combate ao preconceito. “O motivo deste livro não ter visibilidade deve ser o mesmo pelo qual tantos outros ótimos livros nacionais não o têm. Não temos uma indústria consolidada literária. Ainda somos reféns de uma grande indústria internacional que dispõe de mais capital e estrutura para difundir sua produção literária”. (SOUZA, 2016, p.2).

A abordagem da homossexualidade em obras literárias atuais repercute, diretamente, os novos arranjos e formatos familiares e de vivências nas sociedades modernas. Em **O Cafuçú**, (2012), de Marcos Soares, a temática da homoafetividade é posta de forma semelhante como nas obras analisadas neste trabalho. Não há somente o preconceito contra homossexuais, mas, também, contra negros e pessoas de classes sociais menos favorecidas.

A noite, em sua casa, Dito contou o que aconteceu no trabalho para Gustavo e foi encorajado pelo amigo a não temer, pois o mesmo falaria com o pai a respeito da transferência. Nessa mesma noite, Gustavo e Dito desfrutaram do prazer utilizando o sexo tântrico. Com palavras doces e carícias, de olhos bem abertos sem pressa para chegar ao êxtase, prolongando a excitação sexual, o pau de Dito penetrou Gustavo em torno de dois centímetros e meio, por alguns minutos, em seguida, retirava e ficava roçando sob a bunda de Gustavo, deixando-o completamente entregue ao hiperorgasmo. (SOARES,2012, p. 21-22).

A citação acima expõe uma literatura ousada, nos moldes do mundo moderno em que o sexo é colocado como ferramenta para manter e apimentar o relacionamento, independentemente da orientação sexual dos personagens. No próximo item, será debatido com afinco sobre orientação sexual e gênero.

1.2 Discussões sobre Gênero e Sexualidade

Para entender melhor esses conceitos e siglas outrora presentes neste trabalho, é imprescindível haver a diferenciação e os novos estudos que cerceiam essa temática sobre gênero e sexualidade, ainda pouco estudado e debatido no meio acadêmico, mas com influência secular na literatura. Uma ótica importante a ser observada é a concepção de gênero, tendo em vista que o mesmo denota certa diferenciação. A lógica ocidental tradicional funciona como uma divisão binária, ou seja, que se divide em dois opostos: masculino x feminino, macho x fêmea ou homem x mulher. Para Cunha (2014, p. 1), “a definição do que é ser “homem” ou “mulher” tenha surgido a partir de uma divisão biológica, a experiência humana nos mostra que um indivíduo pode ter outras identidades que refletem diferentes representações de gênero (como os transexuais e transgêneros) e que não se encaixam nas categorias padrões”.

Esses estudos acima mencionados criam novos parâmetros sociais, quebrando preconceitos históricos. Além da identidade de gênero, ainda tem a questão das orientações sexuais, características estas bem peculiares de cada indivíduo.

Basicamente, existem três orientações sexuais: heterossexual, predominante na sociedade atual; homossexual, crescente devido novas aberturas ao diálogo e políticas públicas favoráveis a essa classe e bissexual, essa sendo, ainda, a mais invisível na sociedade, segundo afirma Araguaia:

A orientação sexual diz respeito à *atração que se sente por outros indivíduos*. Ela geralmente também envolve questões sentimentais, e não somente sexuais. Assim, se a pessoa gosta de indivíduos do sexo oposto, falamos que ela é heterossexual (ou heteroafetiva). Se a atração é por aqueles do mesmo sexo, sua orientação é homossexual (ou homoafetiva). Há também aqueles que se interessa por ambos: os bissexuais (ou biafetivos). Pessoas do gênero masculino com orientação homossexual geralmente são chamadas de gays; e as do gênero feminino, lésbicas. (ARAGUAIA, 2016, p. 1).

Todavia, identidade de gênero se contrapõe a orientação sexual, uma vez que um sujeito que tem uma identificação de gênero oposta ao sexo biológico pode ter relações sexuais ou afetivas com outra pessoa transgênero, por exemplo. Para a autora (idem, ibidem, p. 2), “o papel sexual não necessariamente se apresenta relacionado à orientação sexual, tal como a priori possa parecer. Assim, nesses quatro exemplos, todos eles podem ser

heterossexuais. Ou, por exemplo, o “homem másculo” pode ter atração por outros homens (orientação homo, bi ou pansexual), embora seu papel sexual mostre o contrário”.

Ter conhecimento básico sobre essas definições vão nos guiar para compreender melhor esse fenômeno na literatura de gênero, vista aqui como literatura homoafetiva ou *gay*, e que ainda reluta discussões na sociedade, pois tratar de Literatura *gay*, ou estética homossexual é falar de escritores *gays*, que relatam suas experiências na literatura. Portanto, a literatura *gay* existe porque existe o amor *gay*.

Diante de um tema tão recorrente e abordado, atualmente, em diversos meios, ver-se a importância de um estudo aprofundado nas obras **Amor Invertido** e **Invertido no Amor**, de Maximiliano Souza, tendo em vista que não se trata de um tema atual em obras bibliográficas.

É bastante visível que as sociedades modernas vivem uma crise de masculinidade, herança deixada pelo movimento feminista, nos anos 70. De acordo com Silva (2006, p. 3), “um sinal dessa crise estaria na compreensão de uma feminilização do masculino, na maior visibilidade da homo e bissexualidade entre os homens, assim como *drag-queens*, travestis e transexuais conformariam figuras possíveis na constituição das subjetividades masculinas”.

Dentre várias obras literárias e autores citados nesse trabalho, que versam sobre a homoafetividade, destacamos uma obra que aborda a questão da identidade de gênero. O livro **O Diário de Marjorie – memórias de uma travesti**, (2014), de Marcos Soares, é a prova mais contundente que a literatura está aberta a discussões progressistas e que há muito tempo era oprimida. O enredo narra a trajetória e sofrimento da jovem Marjorie, desde sua descoberta no gênero que realmente se sentia pertencente até sua morte, provocando no leitor um conjunto de sentimentos.

Perguntei-lhe onde eu poderia colocar silicone nos peitos (porque na bunda e no rosto não precisava, tinha quadris largos, bunda bem desenhada, além de um rosto feminino e as maçãs do rosto próprias para um bom pó). Ela indagou:- Queres mutilar teu corpo ou te libertar? Respondi, sem pestanejar: - Quero vivê-lo, senti-lo e ser desejada como mulher. (SOARES, 2014, p. 18-19)

A partir da citação acima, podemos notar o quão o processo de reconhecimento e afirmação da identidade gênero é algo doloroso e que exige tempo e sabedoria. Reconhecer-se “trans” difere totalmente de reconhecer-se *gay*, como explica Fernandes:

Podemos ainda especificar que, dentro desse universo, existe uma faceta muito particular constituída pelos transgêneros ou pessoas trans, que além de exercerem uma transgressão no âmbito da orientação sexual, também provocam rachaduras na concepção de identidade de gênero tradicionalmente imposta ao sexo biológico dos sujeitos, porque eles constroem no corpo, no comportamento e em suas subjetividades, sempre ainda apoiados numa lógica binária, um masculino e um feminino diferentes dos impostos pela ideologia patriarcal, gerando subversão, ambiguidade e ambivalência. (FERNANDES, 2016, p.19-20).

Ao retomar, brevemente, a discussão anterior sobre a fragilidade da masculinidade, diante desta citação de Fernandes (2016), pode-se traçar um elo entre os sujeitos *gays* e “trans”, sendo o primeiro apenas uma questão de atração ao sujeito do mesmo sexo ou gênero; e o segundo sendo uma identificação ao sexo ou gênero oposto. Há uma dualidade. Silva apud Robert Stoller (1993), psicanalista e especialista em transexualidade, a masculinidade e a feminilidade são qualidades sentidas por quem a possui, ou seja, um conjunto de convicções obtidas através dos pais, especialmente na infância e mantidas pela sociedade (SILVA, 2006, p.80).

Não foi só Marcos Soares que abordou, de forma literária e sensível, a identidade de gênero em sua obra, há vários outros autores nacionais, como: Jordhan Lessa na obra **Eu Trans: a alça da bolsa, relatos de um transexual**; **Scarlet**, de Reynaldo Araújo; **Sim eu sou mulher**, de Mônica Candiani, E tais publicações só foram possíveis graças à sensibilidade da editora Metanoia, responsável por estes quatro romances supracitados, incluindo **O Diário de Marjorie – memórias de uma travesti**. Graças à visibilidade que a mídia televisiva vem dada a esses temas, o Brasil já conta com algumas editoras específicas para publicações desses gêneros, como Editora Malagueta, Edições GLS, Modo Editora, Editora Escândalo e a própria Metanoia, líder de mercado nesse segmento. Para Dias (2013, p.59), “o público consumidor está além de colocar um produto cultural na prateleira, ele está à procura de se

informar, autoconhecer-se, instruir-se sobre direitos e, sobretudo, compartilhar suas histórias com o mundo”.

É importante destacar que nem sempre autores que escrevem obras que abordam homoafetividade ou transexualidade são homossexuais ou transexuais, precisa-se fugir dos estereótipos, mas que, de fato, estes são maioria nesse tipo de literatura, como pontua Dias:

Falar em Literatura gay, ou estética homossexual é falar de escritores gays, escrevendo sobre suas experiências na literatura. Para falar em Literatura gay, devem se analisar autores além dos estereótipos doentios e sem falar de nós escritores que escrevemos com a alma pacificada e o amor gay vivido em sua plenitude. A literatura gay existe porque existe o amor gay. (DIAS, 2013, p.27)

Ao fazer um recorte sobre a citação supracitada, percebe-se que a literatura gay transcende quaisquer rótulos pecaminosos ou pervertidos, como é ainda hoje taxado por leitores fundamentalistas e conservadores. Sobre o assunto, o autor enfatiza:

(...) ainda persiste a dúvida se a literatura serve para deleite de quem é gay ou há um valor agregado diferenciado? Pelo menos ela vem suscitar pautas para novas questões. O uso do homoerótico, como veremos a frente, pode servir como aspecto de inovação e de transferência de valores estéticos para novas produções literárias. Mas o mercado ao redor desta literatura começa a formar novos leitores que reivindicam que têm uma agenda política e que consomem. (Idem, Ibidem, p.32).

Apesar desta ainda ser uma literatura pouco lida e invisibilizada, vale ressaltar que já existe um público leitor fiel e que esta não é uma literatura para público seletivo, é para todos que gostam de uma boa história, cuja disseminação é possível graças às editoras sensibilizadas com a causa.

CAPÍTULO II

MAXIMILIANO SOUZA E O PANORAMA DE AUTORES E OBRAS DE CUNHO HOMOAFETIVO NA LITERATURA BRASILEIRA

Escrever é uma necessidade e não uma opção, pretendo escrever ainda muitas histórias, inclusive finalizando esta novela iniciada em Amor Invertido, procurando sempre discutir a liberdade do gostar e as diferentes formas de ser do humano. (SOUZA, 2016).

Maximiliano Souza é residente no município de São Bernardo do Campo, escreveu seu primeiro livro em 2012 – **Amor Invertido**. O mesmo é fã incondicional de animes, séries e filmes, inspirou-se em um anime homoerótico chamado Junjou Romântica para criar uma história romântica que acompanhasse o envolvimento emocional de dois homens em um ambiente tupiniquim.

No decorrer do desenvolvimento da história, começou a pensar em trabalhar vários tipos de preconceitos brasileiros que dada à natureza irreverente do povo, passa uma ideia de tolerância que não costuma se evidenciar em ações violentas e sim em pequenas agressões no cotidiano. Com isso, **Amor Invertido** foi construído como uma novela que acompanha a história de vários personagens a partir de seus pontos de vista. Assim, temos o jovem ainda descobrindo sua sexualidade. O homem mais velho já seguro de suas opções sexuais. A família preconceituosa. O racismo mais ou menos camuflado de acordo com os contextos e muitas outras manifestações preconceituosas que permeiam os nossos dias, as nossas falas, os nossos atos, como se pode observar em: “- Pra ter minha única filha casada com um preto desqualificado, antes disso, eu preferia tê-la...” (SOUZA, 2012, p.116).

2.1 Panorama de autores e obras de cunho homoafetivo na literatura brasileira

De acordo com o mencionado no capítulo I, a literatura homoafetiva brasileira desponta nomes renomados e que fizeram sucesso de público e de crítica. É o caso do autor Fabrício Viana, entre outros nomes outrora

mencionados. Este escreve suas obras de forma totalmente independente pela sua editora (Orgástica) e as divulga e vende pelas plataformas digitais e redes sociais. Tem quatro obras publicadas e um alcance médio de vinte mil leitores.

O autor Plínio Camilo também é destaque nesse tema. Já publicou obras vencedoras de concursos literários e com grande repercussão. Sua obra mais lida e falada é **O namorado do papai ronca**, voltado para o público jovem.

Roque Neto, autor piauiense, teve seu romance **Porque eu amei**, publicado pela Editora Dracaena, no qual tratava os conflitos de um jovem seminarista envolvido na dúvida de continuar seus estudos ou revelar a sua família sua orientação sexual. Um de seus livros, intitulado **Família**, dedicado ao público infantil, aborda os vários modelos de arranjos familiares, com ênfase nas famílias formadas por pessoas do mesmo sexo. O autor Mário Rudolf, nascido em Santa Catarina, teve seu livro publicado em 1990, chamado **De agosto em agosto com muito gosto**, no qual conta a história de sua homossexualidade e sua sorologia. Em **Gosto de vida**, obra também do Rudolf, é narrado a descoberta sexual de adolescente, os problemas familiares ocasionados pela orientação sexual rejeitada – homossexualidade -, e, mais uma vez, a sorologia positiva.

João W. Nery, escritor transexual, narra em sua obra **Viagem Solitária – memórias de um transexual trinta anos depois**, a dura trajetória de uma pessoa “trans”, desde o reconhecimento até a autoafirmação e agruras enfrentadas pela sociedade e, principalmente, a família. O autor Daniel Caldeira, em sua primeira obra, **O Caderno de David**, trata de assuntos muito presentes dentro da maioria dos romances homoafetivos brasileiros, como HIV, suicídio, homofobia internalizada e social.

2.2 Fortuna Crítica de Maximiliano Souza

Segundo Maximiliano, a continuação já está sendo produzida, pois a intenção é acompanhar a vida do casal principal da história. Ele acredita que com o passar dos anos o brasileiro está evoluindo para uma geração mais desencanada, mas esse é um processo lento que acompanha a evolução das

relações dentro das famílias. Um processo semelhante o crê, aquele vivido pelas mulheres dentro da família. Quanto maior a escolaridade e o acesso à informação imagina-se que as diferenças vão se diluindo dentro de nossas relações humanas e um dia será difícil de entender esse momento histórico em que vivemos onde o gênero ou opção sexual de uma pessoa é capaz de causar reações tão mesquinhas.

Acredita ainda que um autor não pode ser incentivado a escrever sobre isso ou aquilo. A arte da escrita é talvez o tipo mais egoísta de arte, pois nasce de uma conversa do autor com ele mesmo. Então ele provavelmente só irá escrever bem sobre aquilo que tenha algum significado. “A escrita desse livro foi apenas uma opção egoísta minha”. “A vontade de fazer uma experiência romântica e brasileira que fosse leve e divertida e dentro de minha ótica, o personagem mais novo, Diego, representa muitos jovens homossexuais em seu medo do olhar do outro, lógico, de uma maneira leve e divertida e sem as pretensões de oferecer outra coisa além de um entretenimento com um pouco de provocação”. Souza relata que o motivo deste livro não ter visibilidade deve ser o mesmo pelo qual tantos outros ótimos livros nacionais não o têm. “Não temos uma indústria consolidada literária. Ainda somos reféns de uma grande indústria internacional que dispõe de mais capital e estrutura para difundir sua produção literária”. “A discussão de gênero dentro das escolas é uma questão polêmica e um tanto quanto complicada para as famílias”, supõe. “Imagino que seja preciso que amadureçamos mais enquanto sociedade antes de conseguirmos nos livrar de todos os preceitos que estão impregnados em nossa cultura, como o preconceito, o racismo, o machismo, o idealismo de classes e tantas outras coisas que permeiam nosso dia a dia e do qual nem nos damos conta”. Para ele, devemos estar caminhando neste sentido, uma vez que hoje é possível ouvir discussões sobre assuntos tão espinhosos que antes aconteciam sim, mas de forma bem velada.

Segundo R.S. Merces (2014) S/P, “a linguagem é bastante juvenil a um livro que pertence a um selo especial para obras que abordem o tema homossexualidade, dedicado a adultos. Durante toda a leitura, o leitor encontra erros de revisão, como palavras com grafia errada e acentuação longe das novas normas ortográficas”, todavia, apesar dos erros de ortografia e edição,

não o fazem uma leitura chata, pelo contrario, o leitor é instigado a ler até o final.

Ainda de acordo com R.S. Mercedes:

O autor tenta por vezes criar um drama psicológico para a protagonista, mas morre na voz juvenil fora do contexto. As introduções de narrativas secundares são superficiais e ganham pouca relevância ao enredo central, o que parece ser de extrema importância. O passado das personagens, por exemplo, não é trabalhado e fica restrito à visão nada panorâmica do narrador-personagem. (Idem, Ibidem, 2014).

A partir da citação acima, pode-se notar que Maximiliano, no primeiro livro, impõe ao leitor uma visão muito subjetiva de apenas um dos personagens, tornando esta, única forma de levar os fatos aos leitores, demonstrando, assim, certa injustiça com os personagens secundários e tornando um único ponto de vista correto, o do personagem Diego, em **Amor Invertido**, como se comprova na seguinte passagem: “Quer dizer, eu era uma pessoa NORMAL. Já tinha tido várias namoradas. Inclusive já havia dormido com algumas.” (SOUZA, 2012, p.31).

O autor revela, também, que escrever dois romances a partir da mesma história, não foi uma tarefa difícil. Segundo ele, a estratégia foi bem simples: Leu atentamente ao primeiro livro e mudou o ponto de vista conversando com pessoas que têm a personalidade similar à dos personagens do livro, foi lendo e entrevistando essas pessoas para compreender as reações que seriam mais plausíveis dentro do contexto da história, para verificar quais seriam mais apropriadas. Escreveu as primeiras páginas de **Invertido no Amor** e percebeu que precisava melhorar para atender a expectativa dos leitores. Ele afirma que alguns leitores juram que o livro trata de uma biografia. No entanto, o autor ressalta que não. Maximiliano acredita que não houve furos de uma história para outra. A trama ficou amarrada como gostaria que tivesse ficado, e ainda expõe fatos que no outro livro não mostra, tirando a subjetividade egocêntrica do personagem Diego e deixando os leitores a par da vida e das dificuldades enfrentadas por Vinícius.

Diante de uma literatura de gênero tão vasta e variada, nacionalmente, vale frisar que, as obras em questão, fogem um pouco da grande gama

ofertada no mercado editorial. Como foi explicitado mais acima, no primeiro capítulo, há uma diferença entre literatura *gay* e literatura homoerótica, os livros analisados enquadram-se em literatura *gay*, por ser sutil e trilhar o quase politicamente correto, no sentido de combate as discriminações e preconceitos, conforme Macedo expõe:

A escrita do Maximiliano é deliciosa. O livro não tem baixarias, ou palavrões. E este não é um livro erótico. Tem umas cenas picantes entre os dois mais tudo muito sutil. O leitor é movido pela curiosidade e agora todos estão completamente apaixonados por essa história e pelo lindo romance de Vinicius e Diego. (MACEDO, 2015, <http://www.meupassatempoblalabla.com/2015/06/resenha-invertido-no-amor-de.html>)

Falar da escrita do Maximiliano reforça que ele sabe conduzir bem a história pegando temas contemporâneos e levando-os para a ficção, fazendo os leitores a questionarem e olhar para o próximo de forma mais humana, segundo o fragmento de Brazil:

É um desses livros que te fazem refletir sobre temas sérios e muitas vezes ajudar a modificar sua opinião sobre esses temas, aqui no caso, o preconceito não só contra gays mas também racial sofrido por outro personagem, mas de uma forma super tranquila; o autor soube tratar algo tão sério de um jeito leve e muitas vezes descontraído e engraçado sem ser leviano ou recorrer a estereótipos. O livro aborda de forma bem realista vários aspectos. (BRAZIL, 2013, <http://cantodemeninas.blogspot.com.br/2013/07/amor-invertido-maximiliano-souza.html>).

Há outros aspectos não menos importantes nas obras, como humor, que a torna leve e descontraída diante de discussões sérias:

O livro é muito divertido e o Maximiliano soube dosar o humor e a temática séria e por algumas pessoas considerada polêmica de uma maneira super homogênea, tudo é super bem distribuído o que não torna o livro maçante nem dramático por ter um perfeito equilíbrio entre todas as emoções que o texto causa no leitor (Idem, Ibidem, <http://cantodemeninas.blogspot.com.br/2013/07/amor-invertido-maximiliano-souza.html>)

Como já citado anteriormente pelo próprio Maximiliano, à história dos romances são baseadas no anime japonês *Junjou Romântica*, uma série *shounen-ai* de Nakamura Shungiku. Seu diferencial está no fato de não

focar em apenas um casal, mas sim em três, diferentemente das obras de Souza, que é um casal protagonista formado por duas pessoas do mesmo sexo.

Quem assiste *Junjou Romântica* e lê *Amor Invertido*, vê claramente as referências (principalmente entre o Usami/Usagui-san e o Vinícius, o jeito dos dois é bem parecido) mas também percebe-se as diferenças que tornam a história única a seu próprio modo. As partes sexuais não são tão exploradas e detalhadas (apesar de não deixarem de serem *hots*) esse livro é perfeito para quem nunca leu nenhum livro com romance homossexual e tem um certo receio de se chocar ou estranhar mas tem vontade e curiosidade de ler. (Idem, *Ibidem*, <http://cantodemeninas.blogspot.com.br/2013/07/amor-invertido-maximiliano-souza.html>)

A estilística do autor faz recriar modelos de relacionamentos heteronormativos dentro da comunidade *gay*. Isso porque um dos personagens assume notoriamente o papel de homem da relação, e nesse caso, o personagem Vinícius. Para Fischer (2008), relações entre pessoas do mesmo sexo carecem de referências públicas e de acordo com o modelo heterossexual de relacionamento, é possível estabelecer novos papéis.

Nesse fragmento, pode-se observar a sensação de diferença entre uma relação sexual homo e hétero.

Seu corpo me envolveu por trás e ele me penetrou, fazendo um misto de dor, vergonha e prazer se espalhar por meu corpo em uma onda tão avassaladora que achei que meu coração fosse estourar naquele instante. Não era algo parecido com o que eu havia experimentado em minhas outras vezes com mulheres. Era totalmente diferente. E isso me assustava, me envergonhava e me excitava ao mesmo tempo. (SOUZA, 2012, p.91)

Fica bem nítido, a partir dessa observação a respeito do fragmento acima, que há uma supervalorização do sujeito ativo (o que penetra) e uma inferiorização do passivo (o que é penetrado), na relação, havendo, assim, uma hierarquia baseada nos moldes das relações héteros.

CAPÍTULO III

ANÁLISE DO CORPUS LITERÁRIO

Admirado, senti sua língua explorando a minha boca. Justo quando eu achava que iria ter de lhe arrancar as calças com os dentes, ele me vinha com essa! (SOUZA, 2014, p. 209)

Neste capítulo, serão analisados, individualmente, aspectos que identifiquem como foram tratados a homoafetividade discutida no decorrer deste trabalho e os pontos que ela leva às reflexões.

3.1 Amor Invertido²

Em relação à homossexualidade, o autor constrói o personagem Diego convicto de sua orientação heterossexual, mas o faz ficar abalado com o primeiro contato íntimo que tem com uma pessoa do mesmo sexo, o Vinícius. Essa resistência está ligada a consciência preconceituosa a qual Diego sempre esteve presente na família, e o torna incompreendido. Por outro lado, Vinicius alimenta um amor platônico por Júlio, irmão de Diego, morto anos atrás. No entanto, Diego consegue quebrar a barreira que o impede de desfrutar da aproximação com Vinicius, os envolvendo sexual e afetivamente, como se observa em “Não queria ser anormal. O que havia me deixado curioso a princípio era saber qual dos sentimentos era mais forte: meu instinto ou meu medo.” (SOUZA, 2012, p 140).

A narrativa, nesse livro, é contada em 1º pessoa sob o viés de Diego, personagem principal. Diego é um rapaz de 20 anos, de origem humilde, que veio do interior do Goiás morar com sua irmã do meio, Juliete, na capital paulista, devido ter sido aprovado para administração, no vestibular. Juliete, uma aeromoça que vive viajando pelo mundo, reside num apartamento modesto num bairro de classe média, conforme comprova-se na seguinte citação:

O apartamento era confortável, porém com um ar meio abandonado. Imagino que vez que Juliete era uma aeromoça não devia ficar muito tempo entre aquelas paredes e talvez, por isso, elas ainda não tivessem adquirido muito da personalidade da dona. (p.7)

O que Diego não compreendia muito bem era o fato do suposto namorado de Juliete, um rapaz jovem, bonito e rico, ter entrada livre no apartamento da irmã. Causava-lhe estranheza o modo como rapaz se comportava.

² As citações da obra, nesse subtítulo, serão indicadas apenas as páginas.

Ir morar com irmã, em São Paulo, causava desconforto para Diego, devido a situação de desempregado que ele se encontrava. No entanto, Juliete logo tratou de pedir para que Vinicius o ajudasse.

Veio cedo. Vinicius estava parado no outro canto da sala segurando uma câmera fotográfica profissional na mão.- Você não falou que horas.- É verdade.- Prefere que eu volte mais tarde? - Não precisa. Vamos para o escritório que eu já deixei algumas imagens separadas. (p.21)

Foi, então, após ser contratado por Vinicius que Diego passa a ter mais contato e conhecer mais sobre a personalidade oculta dele. Certo dia, Diego descobre, por acaso, que Vinicius venerava o seu irmão falecido, o Júlio, e causou-lhe grande fúria ao descobrir.

Apesar de ser um quarto, tinha mais o ar de um templo. E no altar desse templo lá estava Júlio espalhado pelas paredes, pelas prateleiras, até no pano das almofadas sobre a cama! Dezenas de fotos grandes e pequenas onde meu irmão me fitava nas mais diversas situações. (p. 50)

Outra questão levantada pelo autor é a reação diante do novo. Quando Diego é pego de surpresa em um beijo inesperado dado por Vinicius, fica um misto de medo e desejo, como pode-se observar no seguinte fragmento:

Quer dizer, achei que estava preparado para qualquer coisa. Mas seria impossível estar preparado para a pressão em meus lábios e a invasão úmida de minha boca. O choque congelou meu cérebro. Ele jogou o corpo dele contra o meu e me pressionou contra a parede. Sua língua explorava minha boca e senti sua mão deslizar pelo meu ventre até o meio das minhas pernas e tocar em minha parte mais sensível. Estava paralisado pelo choque. (p.28-29)

Após ter acontecido o primeiro beijo entre ele e outra pessoa do mesmo sexo, Diego, que só teve experiências com mulheres até aquele momento, sentia-se com dúvida em relação a sua orientação sexual. Viu-se traído pelo próprio corpo, como é explicitado na citação abaixo:

Sinceramente o que me incomodava não era o ato em si e sim o fato de que, de alguma forma, meu corpo havia reagido. Quer dizer, eu era uma pessoa NORMAL. Já tinha tido várias namoradas. Inclusive já havia dormido com algumas. Que espécie de reação era aquela então? (p.31)

Além da auto aceitação, que é bem recebida pelo Diego, no final da obra, levando uma reflexão ao leitor sobre a si mesmo, o autor também debateu, magistralmente, o racismo, quando inseriu um personagem negro e pobre, o Hoji, que tem dificuldades na fala devido ser de outro país. Hoji era o namorado de Juliete, uma moça branca que estava tentando uma carreira bem sucedida em São Paulo como aeromoça. Mas, para a família de Juliete, era inconcebível que ela se relacione com um rapaz como Hoji, explicitamente por questões raciais e sociais.

Já estava claro que a postura adotada pela dona Zuleika em relação ao Hoji era a indiferença polida. Eu ficava imaginando qual seria a sua reação quando o teto desabasse já que mal conseguia esconder seu desconforto sempre que ele lhe dirigia a palavra. E o sujeito era só um simples convidado! Começava a ficar com pena desse meu futuro cunhado. (p. 111)

Na citação acima, é notável um compadecimento do protagonista para com seu suposto futuro cunhado em relação ao preconceito destinado a ele por seus familiares. Situação esta que causa desconforto e constrangimento em Diego.

Outra questão muito bem levantada é a da homofobia social, ou seja, aquela cujo ódio e aversão a homossexuais é manifestada por as pessoas através de hostilidades, agressões físicas, verbais e morais. Na obra, no capítulo 45, há um momento em que Vinicius e Diego começam a se entender e desfrutam do amor que estão sentindo um pelo outro, quando são covardemente atacados por um grupo de homofóbicos, conforme pode-se observar no seguinte fragmento:

Não houve tempo para ele responder. Isso porque alguma coisa o atingiu na cabeça e se espatifou em mil pedaços. Quando ele se virou para ver de onde tinha vindo aquilo foi atingido no rosto e caiu no chão inconsciente, o rosto sangrando profusamente. (p.109)

A partir dessa passagem, observa-se que um ataque homofóbico violento foi deferido contra os personagens e que ambos são agredidos e machucados, fazendo uma correlação dos fatos com a realidade. No entanto, após dias Vinicius ter sido hospitalizado, pois ele foi o mais agredido e que ficou em estado mais grave, o sentimento de amizade, cumplicidade e amor só aumenta.

3.2 Invertido no Amor³

Essa versão da narrativa, agora contada por Vinícius, quebra a subjetividade do olhar egocêntrico de Diego, no livro anterior, e revela fatos desconhecidos aos leitores, como explicitado no seguinte fragmento:

Deve ser aquele dia do mês. – Exclamou dando de ombros. – O dia de torturar o neto gay. Chegamos ao estacionamento onde ele entrou em seu carro vermelho. - Força na peruca, bicha! – falei imitando sua frase predileta. (p.9)

Vinicius é um homem jovem, com seus trinta e poucos anos, rico e bem resolvido com sua orientação sexual. Se aceita como um sujeito homossexual, no entanto, vive há anos preso a um amor platônico da adolescência a qual nunca conseguiu esconder: Júlio, o irmão mais velho de Juliete e Diego. A obra traz vários *flashbacks* de Júlio ainda vivo, diferentemente de **Amor Invertido**, e expõe personagens novos que não são mostrados na referida obra, como Danilo e Dona Eliana.

Danilo havia visto Júlio apenas uma única vez. Os dois se esbarraram sem querer em meu apartamento. Naquela época, Danilo ainda não tinha deixado o cabelo crescer, nem tinha uma aparência tão andrógina quanto a de agora. Ainda era aterrorizado pelo pai que vivia furioso por seus trejeitos. (p.44)

O emprego de editor de fotos que Vinícius deu a Diego ajudou-os a se aproximarem, quando, graças a curiosidade exacerbada de Diego, ele entra no quarto de Vinícius e descobre as fotos de Júlio estampadas nas paredes e em todos os lugares. Talvez, se não tivesse sido esse emprego, Diego jamais tivesse tido algum contato mais próximo com Vinicius, por vezes Diego até pensava que ele e Juliete eram namorados. Vinícius vivia sua orientação sexual abertamente para a família e amigos, inclusive, Juliete, mas nunca chegou a comentar com a melhor amiga seu envolvimento com o Diego, até porque, Diego era heterossexual e irmão dela.

³ As citações da obra, nesse subtítulo, serão indicadas apenas as páginas.

Vinícius adorava provocar situações para que ele e Diego pudessem ficar sozinhos e aproveitar para aflorar aquele sentimento novo que ele provocava em Diego. Vinícius sabia que Diego era gay, só não conseguia entender o porquê dele oferecer tanta resistência sem si aceitar e de envolver naquele romance.

- Quer experimentar de novo? – Sugeriu. - Do que você está falando, cara? – Respondeu em pânico. Ele empurrou com as pernas a cadeira para trás em um último ato de rebeldia, mas apesar de suas reações, seu rosto me dizia outra coisa. Em seus olhos não havia repúdio. Antes, o que eu percebia ali era uma curiosidade inconfessa. (p.84)

Estava ficando óbvio que Diego estava se apaixonando por Vinícius, mas o medo pelo sentimento de amar outro homem e as reações que isso desencadearia na sociedade e, principalmente, na sua família, o atormentava muito.

O que será que ele pensava? Que me ofenderia ou que ofenderia a si mesmo ao invocar aquela palavra? Decidi ajuda-lo.- Não é bicha? Veado? Biba? Gay? Frutinha? Ele arregalou os olhos e disse a contragosto. - Eu não sou homossexual. (p.87)

Há, também, muitas passagens do Vinícius trocando mensagens de texto pelo celular com o Diego. A viagem que Diego teve que fazer para Bonito, em Goiás, com a companhia de Vinícius, contribuiu para junta-los ainda mais e romper os medos que sufocavam Diego, mesmo estando na presença de sua família. Outra coisa que incomodava profundamente Diego era o fato de Vinícius vê nele uma espécie de substituto para Júlio, o que não era verdade.

- Não gosto de ser substituto do Júlio. Todo esse risco por um mero divertimento pode ser natural para você, mas, eu...você... não sei bem porque com você é diferente... mas não estou disposto a abrir mão de minha vida... ainda mais por uma brincadeira... (p.184)

Ao analisar esse fragmento, nota-se que o autor torna o ato de se aceitar como sendo uma decisão libertadora ou condenável ao exílio social, o que de fato, é na vida real.

Quando Vinícius celebrava a felicidade ao lado do seu amado, são espancados por um grupo de homofóbicos com golpes de lâmpada na cara e muitos chutes e ponta pés.

Quando acordei, senti que havia algo como uma tonelada em meu peito. Ano conseguia me mexer. Meu rosto, meu peito, minha cabeça... era difícil identificar um lugar que não produzisse ecos de dor. Reconheci o lugar. Estava em um hospital. Como podia ser aquilo? (p.217)

Apesar de toda a representação de violência que, na vida real, poderia ter sido fatal, os personagens terminam juntos, felizes, e Diego finalmente consegue se auto aceitar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos assuntos outrora pesquisados, analisados e debatidos neste trabalho, espera-se que o mesmo motive outras pessoas a aprofundarem outras pesquisas em outras obras, com o intuito de visibilizar a literatura de gênero no Brasil. Difundir a literatura de gênero não é apenas um meio de combate às opressões vigentes, mas, também, uma forma de expressar a

liberdade através da arte, ou até mesmo denunciar o caos estabelecido secularmente pelos conservadores heteronormativos.

Notou-se, com as obras analisadas, que a literatura tem espaço e voz para todos, sem distinções, cabendo apenas à sensibilidade para que escreva sobre esses temas. Essa literatura se interpõe com outras temáticas também pouco debatidas, em decorrência do preconceito ainda ser muito forte na nossa sociedade.

O que se pode concluir é que ainda há um longo caminho a ser percorrido para que essas obras da literatura de gênero se estabeleçam como uma literatura convencional e que, a partir dela, do perfil de seus leitores, aconteça uma mudança significativa na sociedade, no que diz respeito à indiferença em lidar com pessoas das mais variadas orientações sexuais e identidades de gênero. Nenhuma transformação cultural e social acontece da noite para o dia, sempre demora décadas, séculos ou milênios, mas ela tem que acontecer de um determinado momento histórico.

REFERÊNCIAS

ABREU, Caio Fernando. **Cartas: Caio Fernando Abreu. Organização e seleção de Ítalo Moriconi.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

ARNAUT, Ana Paula. **Post-Modernismo no romance português contemporâneo. Fios de Ariadne-máscaras de Proteu.** ed. 1, 1 vol.. Coimbra: Almedina, 2002.

ARAGUAIA, Mariana. **"Orientação Sexual"; Brasil Escola**. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/sexualidade/orientacao-sexual.htm>>. Acesso em 21 de agosto de 2016.

BARCELOS, José Carlos. **Literatura e Homoerotismo Em Questão**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006. P. 441 Coleção Em Questão - Virtual nº 2

CAMINHA, Adolfo. **Bom-crioulo**. São Paulo: Ática, 1995.

CUNHA, Carolina. **Gênero e identidade: Muito além da questão homem-mulher**. 2014. Disponível em <https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/genero-e-identidade-muito-alem-da-questao-homem-mulher.htm>.

DIAS, Roberto Muniz. **Editoras LGBTTT Brasileiras Contemporâneas como Registro de uma Literatura Homoafetiva**. UnB. Brasília, 2013

FERNANDES, Carlos Eduardo Albuquerque. **Um percurso pelas configurações do corpo de personagens travestis em narrativas brasileiras do século XX: 1960-1980**. João Pessoa – PB. UEFB, 2016.

FISCHER, André. **Como o mundo virou gay? Crônicas Sobre a Nova Ordem Sexual**. São Paulo. Ediouro, 2008

JOVIANO, Lúcia Helena da Silva. **Literatura homoerótica: discursos entre a tradição e a ruptura. 30º Aniversário do Instituto de Ciências Humanas e Sociais**. 2009. Anais. Universidade Federal de Ouro Preto - Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Disponível em <<http://www.ichs.ufop.br/memorial/trab2/l511.pdf>>, acessado em 10/05/2017, às 20h00.

LOPES, Denilson. **O homem que amava rapazes e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

RODRIGUES, Júnior Adail Sebastião. **Representação gay em corpus literário paralelo**. Universidade Federal de Ouro Preto. RBLA, Belo Horizonte, v. 10, n. 3, p. 603-624, 2010.

SILVA, Sergio Gomes da. **A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista**. Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2011

SOARES, Marcos. **O Cafuçu**. Rio de Janeiro. Metanoia, 2012.

SOARES, Marcos. **Diário de Marjorie – memórias de uma tarvesti**. 1ª ed. Rio de Janeiro. Metanoia, 2014.

SOUZA, Maximiliano. **Amor Invertido**. Campo Grande, MS. Modo Editora, 2012.

SOUZA, Maximiliano. **Invertido no Amor**. Campo Grande, MS. Modo Editora, 2014.

SOUZA, Maximiliano. [Entrevista concedida a Patrick Álisson de Sousa, no dia 29/06/2016, às 17h42 min., via email patrick_asousa2014@hotmail.com].

UTZIG, Ingrid Lara de Araújo; FERREIRA, Rodrigo Almeida. **Literatura Gay como visibilidade à comunidade LGBTTTT**, 2014.

Psicologia: Ciência e Profissão, Brasília, v.26, n.1, 2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932006000100011>. Acessado em 20/07/2017.

GLOSSÁRIO

Bissexual – Pessoa que sente atração física, sexual e emocional por ambos os gêneros ou sexos.

Drag-queen – Homens que se transformam, com vestes e acessórios femininos, de forma exagerada, para performances em shows, boates.

Gay – autoafirmação politizada da homossexualidade masculina

Heterossexual – Pessoa que sente atração física, sexual e emocional pelo gênero e sexo oposto.

Heteronormativo – Diz respeito à norma da heterossexualidade como única orientação sexual aceita.

Homoafetivo – Adjetivo que qualifica uma pessoa que gosta, sente afeto e **atração por pessoas do mesmo sexo**

Homoerotismo – Relacionado a quem mantém relação com o homossexualismo e com o erotismo, que é erótico e homossexual.

Homossexual – Pessoa que sente atração física, sexual e emocional por pessoas do mesmo sexo.

Homofobia – Ódio, aversão, nojo irracional e desmedido por pessoas homossexuais.

Lésbica – Homossexualidade feminina.

Pansexual – Pessoa que sente atração sexual ou emocional, independentemente do gênero ou sexo, ou seja, se relaciona com travesti, transexual, homem, mulher.

Transfobia - Ódio, aversão, nojo irracional e desmedido por pessoas travestis, transexuais ou transgêneros.

Travesti – É uma pessoa que não se identifica com o gênero biológico, se veste e se comporta como pessoas de outro sexo, mas que não rejeita sua genitália, inclusive, usando-a nas relações sexuais.

Transexual - É a pessoa que, por se sentir pertencente ao outro gênero, pode manifestar o desejo de fazer uma cirurgia no seu corpo para mudar de sexo, o que não acontece com as travestis, mas isso não é regra.

Trans - Abreviação de várias palavras que expressam diferentes identidades, como transexual ou transgênero, ou até mesmo travesti. Por isso, para evitar classificações que correm o risco de ser excludente o asterisco é adicionado ao final da palavra transformando o termo “trans” em um termo guarda-chuva.

Transgênero - É o indivíduo que se identifica com um gênero diferente daquele que corresponde ao seu sexo atribuído no momento do nascimento,

transitando e buscando se encontrar conforme seu amadurecimento psicológico.

